

# O BRASIL COLONIAL E A CANA DE AÇÚCAR

**José Alaor Moreira Branco**

**Prof. Evandro André de Souza**

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

História (HID0301) – História do Brasil Colonial

30/08/2008

## RESUMO

*O açúcar, sendo um produto de muita aceitação na Europa e alcançando um grande valor, uma vez que era tido como especiaria por ter uma produção muito pequena na península Ibérica, seria uma forma de Portugal lucrar, visto que as experiências positivas de cultivo no nordeste brasileiro mostraram que a cana-de-açúcar adaptara-se bem ao clima e ao solo. Começando o plantio em larga escala seria uma forma de povoar o Brasil, iniciando assim o empreendimento açucareiro em sua colônia americana. Os holandeses contribuíram para a expansão do mercado açucareiro do Brasil que, durante os séculos XVI e XVII foi a maior do ocidente. Os holandeses eram, nessa época, os únicos com organização comercial suficiente para criar um mercado de grandes proporções para o açúcar, devido ao seu destaque tanto no comércio quanto nas finanças do velho mundo.*

Palavras-chaves: Cana-de-açúcar, portugueses, holandeses.

## 1 INTRODUÇÃO

No período pré-colonial, ou fase do pau-brasil, entre 1500 e 1530, não houve uma colonização propriamente dita do Brasil, uma vez que os portugueses não se fixaram na terra, mas sim fizeram rápidas expedições para coleta e transporte do pau-brasil, que tinha um grande valor no mercado europeu, pois sua seiva, de cor avermelhada, era muito utilizada para tingir tecidos. Para executar esta exploração, os portugueses utilizaram o escambo, ou seja, deram espelhos, apitos, chocalhos e outras bugigangas aos nativos em troca do trabalho de corte do pau-brasil e de seu carregamento até as caravelas.

Somente a partir de 1530, com a expedição de Martim Afonso de Souza que essa nova colônia portuguesa passa a ser povoada e, em 1532 funda-se a vila de São Vicente (São Paulo). A Coroa Portuguesa, prevendo possíveis invasões de seu novo território, lança mão de recurso já utilizado na ilha da Madeira, ou seja, as capitânicas, que foram erroneamente comparadas com os feudos medievais. Mas a instalação das capitânicas traz como consequência os conflitos com os

índios do litoral que, até então eram aliados no trabalho, mas que agora passavam a disputar as melhores terras com os donatários de capitânicas.

Mesmo possuindo muitas vantagens, o governo português precisou contar com o auxílio da burguesia holandesa, que emprestava dinheiro e realizava a distribuição do açúcar produzido pelos portugueses para o mercado europeu. Esse acordo foi de muita importância para a Coroa Portuguesa, uma vez que a mesma não contava com recursos para investir na atividade.

## 2 ADMINISTRAÇÃO INICIAL DA COLÔNIA

Para melhor organizar a colônia o Brasil foi dividido em faixas de terras doadas aos donatários, que podiam explorá-las, mas ficavam encarregados de povoar, proteger e estabelecer o cultivo da cana-de-açúcar, mas, devido a grande distância da Metrópole, esse sistema fracassou, sendo as capitânicas de São Vicente e Pernambuco as únicas que deram resultado satisfatório.

“Havia dois tipos de capitânicas: as principais, administradas pelos capitães-gerais e governadores das capitânicas, e as subalternas, administradas pelos capitães-mores ou governadores”. (PILETTI, pag. 43)

Depois desse fracasso, a Coroa Portuguesa estabeleceu o Governo-Geral, cujo primeiro governador-geral foi Tomé de Souza, que tinha por missão combater indígenas rebeldes, aumentar a produção agrícola e procurar jazidas de ouro e prata. Existiam também as Câmaras Municipais, órgãos públicos compostos por ricos proprietários que definiam os rumos políticos e não deixavam o povo participar. A capital do Brasil era Salvador, visto que o nordeste era a área mais rica e desenvolvida neste período.

“Para sede do Governo Geral foi escolhida a capitania da Bahia de Todos os Santos que, para isso, foi comprada dos herdeiros do donatário, que havia morrido. O primeiro governador geral – Tomé de Souza -, com o qual vieram os primeiros jesuítas, fundou Salvador, a primeira cidade brasileira, onde instalou seu governo em 1549”. (PILETTI, pág. 44)

A base da economia deste período era o engenho de açúcar, que tinha por proprietário um fazendeiro que utilizava mão-de-obra africana e tinha por objetivo principal a venda do açúcar para o mercado europeu, mas a produção de tabaco e algodão também teve destaque. O sistema usado era o de ‘plantation’, onde as fazendas eram grandes produtoras de um único produto, que só podia ser comercializado com a metrópole.

A sociedade da época era marcada por grande diferenciação social, em seu topo estavam os senhores do engenho, com os trabalhadores livres e funcionários públicos formando uma camada média e, na base da sociedade, os escravos de origem africana. As mulheres tinham poucos poderes e nenhuma participação política, devendo apenas cuidar do lar e dos filhos. A casa-grande era a residência do senhor do engenho, com muito conforto, o que contrastava com a miséria das senzalas.

“Formou-se no Brasil um tipo de sociedade composta por dois grupos principais: os **escravos**, que realizavam todos os trabalhos nas plantações e nos engenhos; e os **senhores de engenho**, que eram os brancos colonizadores, donos das fazendas e dos engenhos de açúcar”. (SANTOS, pág. 60)

Os portugueses tiveram que mudar seus hábitos alimentares, substituindo o trigo pela farinha de mandioca, que era o alimento mais importante da colônia. Além disso, havia o consumo de carne-seca, milho, rapadura, feijão e condimentos como pimenta e azeite de dendê. Frutas, verduras, manteiga e queijos eram raros e só os ricos se alimentavam deles, mas não faltavam doces consumidos em grande quantidade tanto no campo quanto nas cidades.

### **3 CICLO DA CANA-DE-AÇÚCAR**

O ciclo da cana-de-açúcar foi a primeira atividade economicamente organizada do Brasil. A partir da fundação do primeiro engenho de cana-de-açúcar, chamado Engenho São Jorge, por Martim Afonso de Souza, em 1532 (para alguns autores 1533), o açúcar foi o principal produto brasileiro por mais de dois séculos, convivendo, contribuindo e, às vezes, resistindo às mudanças sociais, políticas e culturais deste período.

O Governo de Portugal instalou engenhos produtores de açúcar no litoral brasileiro por se tratar de um produto de alto valor no comércio europeu, bem como seu consumo crescente, além da necessidade de colonizar a terra para defendê-la e explorar suas riquezas. Após as dificuldades de implantação, como falta de dinheiro para montar a moenda e comprar escravos, o açúcar se tornou o principal produto brasileiro, sendo a base de sustentação da economia brasileira entre os séculos XVI e XVII.

Com o surgimento do açúcar de beterraba no século XVIII, bem como a formação de conhecimentos e técnicas para construção de uma indústria açucareira holandesa, nosso principal

produto entrou em decadência e perdeu o mercado consumidor europeu, acabando o monopólio do açúcar e alterando o quadro político e econômico do Brasil.

A instalação de engenhos produtores de açúcar no Brasil visava a efetivação da posse da terra e sua defesa, como também sua exploração. A opção da cana-de-açúcar foi por esta ser uma cultura rápida, possibilitando o corte já a partir do segundo ano. O solo existente, chamado 'massapé', era excelente para o plantio da cana, além da localização estratégica do Nordeste, que permitia o fácil escoamento do açúcar produzido.

Devido à ascendência de seu consumo na Europa, bem como seu elevado preço foram fatores que contribuíram na decisão de cultivar a cana, o que logo tornou o açúcar a base de sustentação da economia do Brasil durante os séculos XVI e XVII. Além disso, a substituição do mel pelo açúcar, como adoçante, acabou causando uma revolução comportamental na Europa.

Com a cultura da cana-de-açúcar a ocupação das terras era propiciada e pequenos povoados se formavam em torno dos engenhos, mas havia grandes dificuldades para se desenvolver o ciclo do açúcar, como a falta de dinheiro para montar moendas e comprar escravos, ou mesmo a preocupação com o refino e comercialização do açúcar. Surgem, então, como financiadores, os holandeses.

Mas a produção de açúcar motivou grandes invasões, inclusive de holandeses, como a que ocorreu em Pernambuco, o que resultava em grandes perdas de engenhos, causando retrocesso na economia, que logo se recuperou devido ao declínio da mineração ao final do século XVII.

Os mesmos centros que se desenvolveram em áreas especializadas na cultura da cana e no fabrico do açúcar foram os pontos que se tornaram mais desenvolvidos em valores da cultura moral, intelectual, religiosa, científica e artística no Brasil.

Com o êxito do comércio de açúcar, Portugal ganhava ascendência no comércio europeu, e incentivava a expansão das fábricas em sua colônia tropical americana, o que, através de estímulos oficiais, estava desenvolvendo a economia brasileira. As lavouras surgiam em torno dos engenhos, que eram instalados à beira-mar ou nas proximidades dos rios, para facilitar o transporte do produto. A crescente necessidade de alimentos para os senhores do engenho e para os escravos, fez nascer a agricultura de subsistência ao lado dos canaviais, com o cultivo de arroz, feijão, milho, mandioca, fumo e algodão.

“Todo o açúcar produzido no Brasil era exportado para a Europa. Isso acontecia porque os portugueses queriam tirar o máximo de lucro do dinheiro que tinham gasto em montar os engenhos. Dessa maneira, dinheiro, terras, escravos, instrumentos, tudo, enfim, era empregado para produzir o máximo de açúcar. Por isso, diz-se que a economia do Brasil-colônia era uma **economia de exportação**”. (SANTOS, pág. 63)

Desde o início do ciclo do açúcar havia interesse da Holanda, o que culminou com a ocupação do Brasil pelos flamengos em 1580, que começaram a trabalhar em Pernambuco, registrando uma exportação de 512.273 arrobas de açúcar branco, mascavo e de panela, além de terem sido eles a trazerem as moedas metálicas para o Brasil.

Com a absorção de Portugal pela Espanha o quadro econômico brasileiro se modificou e surgiu o interesse da Holanda em controlar o comércio do açúcar e, daí, o surgimento de uma guerra sem quartel contra a Espanha, que resultou no controle holandês do transporte e comercialização do açúcar na Europa, durante o século VII.

O Bloqueio de Napoleão Bonaparte contra navios ingleses transportadores de açúcar e o aparecimento do açúcar de beterraba, também prejudicaram a comercialização do açúcar brasileiro. Além disso, o descaso do Governo de Portugal em relação a sua colônia acabou por desarticular a economia açucareira no Brasil, tendo como aliado o preconceito em relação ao clima e a relação de inferioridade do nosso povo.

Com a guerra realizada pela Holanda contra a Espanha os grandes beneficiados foram os holandeses, que passaram a ter praticamente todo o comércio dos países europeus realizado por mar. Visto que, enquanto estiveram no Brasil, os holandeses adquiriram todo o conhecimento de técnicas e organizações da indústria açucareira, conhecimento necessário para que eles implantassem uma nova base industrial.

Com isso, o açúcar teve seu preço reduzido pela metade e o Governo de Portugal, sem recursos próprios, muda sua atenção para a produção de café. Durante o ciclo do açúcar houve elementos negativos que acabaram por inviabilizar seu progresso, encerrando, assim, o monopólio da economia açucareira.

## 4 CONCLUSÃO

A necessidade de colonizar o Brasil fez surgir a cultura do açúcar. Sua importância é muito bem exemplificada pelo interesse dos holandeses em atravessar mares para invadir Pernambuco, na época o maior produtor de açúcar. Mesmo sendo expulsos, os holandeses não abandonaram a produção açucareira, optando pela transferência do conhecimento do cultivo e refino do produto para as Antilhas para, ao lado do Brasil, dominar o comércio de açúcar na Europa.

Sem condições para manutenção do monopólio, embora essa cultura tenha sido responsável pela base de sustentação da economia e da colonização do nosso país durante os séculos XVI e XVII, o aparecimento do açúcar de beterraba também contribuiu para o declínio, o que levou o açúcar a deixar de ser o principal produto do Brasil no século XIX, papel esse que passou a ser exercido pelo café.

## 5 REFERÊNCIAS

CARDOSO, C. F. S. **Uma introdução à história**. 2ª. Edição. Brasiliense. 1982. São Paulo. SP.

FIGUEIRA, Divalte Garcia. **História volume único**. 1ª. Edição. Editora Ática. 2002. São Paulo. SP.

PILETTI, Nelson. **História do Brasil da pré-história do Brasil à nova república**. 8ª. Edição. Editora Ática. 1988. São Paulo. SP.

SANTOS, Maria Januária Vilela. **História do Brasil**. 32ª. Edição. Editora Ática. 1989. São Paulo. SP.

<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=5>